

## A MARCA DO NEGRO: JORNAL IMPRESSO E LIVRO DIDÁTICO

Ricardo Fabrino Mendonça <sup>1</sup> / Paulo Bernardo F. Vaz <sup>2</sup>

Quando se observa a narrativa imagética de negro-mestiços publicada por jornais impressos de grande circulação, encontra-se um forte eco a diversas frases preconceituosas que marcam o cotidiano brasileiro. Diz-se a boca miúda: *Negro sofre. Porta de entrada de negro é pela cozinha. O negro joga bem demais! A crioula sabe ser boazuda. Fulano é preto, mas trabalha direitinho. Só preto dá conta do recado na roça. Ginga de negro é coisa de outro mundo. Preto é mais esperto pro crime.* As fotografias de jornais freqüentemente corroboram essas falas de tons racistas repetidas em incontáveis variações por todo o país. Lidas com toda "naturalidade", tais narrativas iconográficas têm imensa visibilidade, participando ativamente dos processos através dos quais a sociedade se apresenta e, ao mesmo tempo, se constitui.

Em pesquisa realizada no Gris (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade/UFMG) no período 2001-2003<sup>3</sup>, deparamos com essa realidade estampada em três jornais representativos da grande imprensa brasileira: Folha de S. Paulo, O Globo e Estado de Minas. Em sete edições — de segunda a domingo — selecionadas em sete semanas consecutivas, foram contabilizadas 1.942 fotografias jornalísticas, das quais 359 retratavam negro-mestiços.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação Social pela UFMG

<sup>2</sup> Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da UFMG.

<sup>3</sup> Projeto integrado de pesquisa (*Narrativas do Cotidiano: na mídia, na rua*), que buscou analisar diversas narrativas sociais, destacando o imbricamento mídia/sociedade. O subprojeto a que aqui nos referimos (*A representação do Outro na Mídia Impressa*) estudou a narração da alteridade e da cidade em fotografias de jornais impressos.

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que é sabidamente difícil definir quem é considerado negro, mesmo porque, como aponta Hall (2002), as raças não são essências biológicas, mas categorias discursivas, que organizam formas de falar e de agir. No entanto, a forma de reconhecer o negro nos jornais impressos, deu-se através de caracteres físicos. Em virtude da impossibilidade de atingir as mais diversas práticas sociais dos sujeitos representados nos periódicos, optamos por tomar o corpo como mídia, dado que este é "uma interface privilegiada para a veiculação de discursos" (Pereira e Gomes, 2001: 217). Como analisa Flávio Pierucci, a diferença, ainda que construída simbolicamente, passa pelos sentidos. Ela é "notada com os olhos fixos na pele e, no mesmo movimento, fixada na pessoa, essencializada, (...) inferioridade imaginada, deduzida, propagandeada" (1999: 174). Outro aspecto que corrobora nossa opção é a constatação de que a classificação racial no Brasil é cromática, (Munanga, 1996: 185).

Analisadas essas imagens pôde-se verificar que aquelas preconceituosas frases de senso comum são também observadas nos jornais. Nenhum estranhamento causa o fato de negros e mestiços brilharem quase que exclusivamente em cenas desportivas. Nenhum espanto, na sua grande presença como cidadãos comuns, bandidos ou policiais nos cadernos de cotidiano. Nenhuma novidade em sua visibilidade nos cadernos de agropecuária, afinal é no eito que os negros foram alocados desde o desembarque do primeiro navio negreiro na costa brasileira.<sup>5</sup> Não surpreende também sua quase invisibilidade nos cadernos de economia (6,6% do total de representados) [FIG.1], informática (5,6%), ou ciência (0,0%!). Bem específicos são os espaços a que o negro não tem acesso nas fotografias de jornais impressos.

Ao flunar pelas páginas dos diversos cadernos dos três jornais, fixando o olhar nas fotografias, somos tentados a fazer algumas reflexões referentes àquelas falas preconceituosas. "*Negro sofre*", por exemplo, apenas reforça uma retratação massiva que traz a marca do sofrimento, não só nos jornais diários brasileiros do princípio do século XXI, mas também em outras mídias, cujas representações interpelam os sujeitos nos dinâmicos processos de narração/construção da identidade. É o caso, por exemplo, dos livros didáticos de história do Brasil, como constatamos em pesquisa realizada no Gris no período 1999-2001<sup>6</sup>.

Se muitas fotografias da contemporaneidade exibem um negro que habita um mundo de mazelas e da criminalidade, a iconografia disponibilizada pelos livros didáticos também demonstra que a violência e o sofrimento marcam a entrada desses sujeitos nas narrativas da "história nacional". A pobreza, a inclusão perversa e a miséria são formas atuais de viver o sofrimento dos negros

---

<sup>5</sup> Todos os negros mestiços dos cadernos de agropecuária são representados como trabalhadores rurais, mesmo porque "*Só preto dá conta do recado na roça*". Uma representação bem diferente da de seus patrões, fazendeiros e empresários do *agrobusiness*, de tez bem mais clara.

<sup>6</sup> Projeto integrado de pesquisa (*Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*), que buscou analisar, por ocasião das comemorações dos 500 anos do Brasil, a narração da identidade em diversas mídias: cinema, rádio, livros didáticos, jornais impressos, televisão, fala dos sujeitos. O subprojeto a que aqui nos referimos (*Brasil brasileiro: uma história ilustrada*) pesquisou a narração da identidade na iconografia de livros didáticos de história que tratavam do momento "fundacional" do "povo brasileiro". Para proceder a tal análise, escolheram-se dez livros a partir das indicações do *Guia do Livro Didático de 1999*, publicado pelo MEC em seu PNLD (*Programa Nacional do Livro Didático*). Analisaram-se 371 fotografias.

capturados e aprisionados nos porões dos navios [FIG.5]. As fotografias que exibem a retirante sem-teto ou as crianças na seca apenas atualizam ilustrações que abordam a captura de negros na África ou as torturas no pelourinho [FIG.7]. Aos meninos que reviram o lixo em busca de comida nas páginas de um jornal [FIG.3], fazem eco os "negrinhos" dos livros didáticos que se sentam, sob a mesa de seus senhores, à espera das migalhas que venham a cair [FIG.4]. Pelos tortuosos caminhos da alteridade, o negro-mestiço eclode em um tipo de representação que em nada favorece o fortalecimento de sua auto-estima.

Vale destacar que o negro-mestiço tanto sofre/apanha [FIG.6 e FIG.7] (como escravo, 'marginal', desnutrido), quanto bate (como feitor, capitão-do-mato, policial ou 'criminoso') [FIG.7] Afinal, diz o senso comum, à *violência sofrida na própria pele, o negro reage/revida com brutalidade* [FIG.8].

Nota-se que a questão do "trabalho" é outra dimensão em que as duas narrativas se completam e se atualizam. Tanto nos jornais como nos livros, é extensa a representação de negros na execução de serviços braçais [FIG.2]. Como destacam Schwarcz (1996) e Chauí (2000), é forte a imagem do negro como a máquina corpórea, o que é bastante complicado em um país que aprendeu a desprezar os trabalhos braçais. Além dos já citados trabalhadores rurais<sup>7</sup> [FIG.9 e FIG.10], nota-se que, aos pavimentadores, barbeiros, ambulantes ou sapateiros representados por Debret e Rugendas, assemelham-se os faxineiros, lavadores de carro, pedreiros, operários e manicures da atualidade. "*Todos pretos, que trabalham direitinho*". O que dizer então das delícias preparadas por negras de tabuleiro ou por cozinheiras uniformizadas? [FIG.11 e FIG.12]

A presença do negro-mestiço, marcada e demarcada por fronteiras tangíveis tanto na cidade quanto nas páginas impressas, parecem confirmar a outra frase repetida a boca miúda: "*Porta de entrada de negro é pela cozinha*". E a porta de saída? Muitos a encontraram pelos gramados dos estádios de futebol [FIG.13] ou pelos palcos de casas de espetáculos na rica indústria do

---

<sup>7</sup> Observa-se que a categoria em que há maior número de negros representados na iconografia dos livros didáticos analisados refere-se ao trabalho no meio rural. Das 371 imagens estudadas, 57 representam negros na lida do campo.

entretenimento. Jogadores e artistas de todas as categorias posam e desfilam pelas passarelas das celebridades, demarcando um lugar de destaque estereotipado, ainda que mais positivo. Assim como nos livros, há um lugar especial para os negros na festa (com destaque para o carnaval, desaguadouro de danças e manejos sensuais), a imprensa diária reserva 12% de espaço para negro-mestiços em seus cadernos de cultura e 9% nos de televisão.

Importância fulcral tem a sensualidade nesse tipo de representação. Negros e negras sempre foram tipificados como seres sensuais, o que fica patente, na exploração sexual de escravos e escravas pelos senhores de engenho, mesmo porque "*A crioula sabe ser boazuda*". Pereira e Gomes (2001) destacam que representações do "negão viril" e da "mulata quente" reificam os indivíduos, oferecendo-os como objeto de desejo e retirando deles toda a humanidade e possibilidade de ameaça. É sob esse tipo voluptuoso que as fotografias de jornais representam uma cantora de rap [FIG.14], a modelo quase nua ou o galã de TV que, segundo legenda, "é o bonitão que deixa a mulherada indócil" [FIG.15].<sup>8</sup> Tudo feito sob medida, para o deleite do sinhô e da sinhá. Medida essa, aliás, minuciosamente analisada pelas mãos dos homens e mulheres que apalpm os corpos negros em feiras de comércio humano representadas pelos livros didáticos.

Também no esporte, o negro tem sua sensualidade representada [FIG.13]. Na agilidade de um atleta que dribla ou na virilidade do que disputa a bola, está em foco o corpo. É ele que está no centro das atenções, garantindo ao negro uma ponta de visibilidade despertadora de desejos. A maior expressão de representação do estereótipo do "bem sucedido" está nas editorias de esporte. Todos os 21 exemplares analisados trazem alguma imagem em que o negro desportista é retratado. Ali, ele é símbolo de força e vitória, afinal, na terra do futebol, Pelé é rei. Interessante constatar que o sucesso do negro seja, primordialmente, representado em atividades físicas. *O negro joga bem demais*. Todos os elogios são poucos para o rei; para os reis da bola em uma monarquia

---

<sup>8</sup> Publicada na p. E2 de Folha de S. Paulo 25 de junho de 2001.

instituída com o aval de brasileiros de todas as raças e classes que reverenciam jogadores, e a quem a imprensa reserva 32% de seu espaço desportivo.

### **Que discurso é esse?**

As imagens visuais sugerem modos de percepção do mundo e, assim, consolidam e recriam imaginários. Nesse sentido, nota-se a relevância dos discursos imagéticos, especialmente em uma época marcada pela estetização do cotidiano e pela proliferação de imagens.<sup>9</sup> A iconografia não apenas representa a situação de negro-mestiços na sociedade, mas configura-se como um tipo de prática social que participa da construção dessa situação.

Vale destacar, ainda, que os discursos imagéticos dos jornais e dos livros didáticos de história não são apenas mais algumas falas sobre a realidade em um universo verborrágico tão plural e multifacetado. Esses são os discursos estampados em duas mídias detentoras de discursos autorizados<sup>10</sup> ou competentes<sup>11</sup>. Ou seja, ambas possuem uma fala instituída, legitimada e naturalmente tomada como verdadeira. Como se não bastasse, ainda há de se citar que a imagem é uma forma fundamental de informação (e de formação) para grande parte da população do Brasil que não é leitora de textos.

O intenso fluxo imagético em que o personagem negro sofre, apanha, trabalha na roça ou exhibe seu corpo sensual (re)atualiza significados construídos sócio-historicamente e como que sugere cristalizações que tipificam o negro em uma categoria de representação que não só não favorece a construção de uma auto-imagem positiva, como também não possibilita a emergência das singularidades dos sujeitos.

Não se deseja aqui defender que negros que sofrem ou que são pobres não devam ser representados em jornais impressos, mesmo porque, segundo

---

<sup>9</sup> Cf. Featherstone, 1995; Barthes, 1984; Debray, 1993; Maffesoli, 1995.

<sup>10</sup> Cf. Citelli, 1988.

<sup>11</sup> Cf. Chauí, 1981.

dados do IPEA<sup>12</sup>, 64% dos pobres e 69% dos indigentes do Brasil são negros. A grande questão a se pensar é a escassa visibilidade de contrapontos a esse tipo de representação. É a dificuldade de um estudante/leitor negro ter acesso a outras imagens que lhe possibilitem ter uma imagem mais positiva sobre si mesmo. É a falta de visibilidade de outras possibilidades discursivas.

## **Possibilidades?**

Se grande parte da "fala" dos jornais e dos livros apresenta um discurso tipificador e ligado ao "senso comum", não se pode perder de vista que há outros olhares também neles. Interessou-nos, assim, pinçar em nosso recorte empírico aquelas imagens que sinalizam a possibilidade de leituras questionadoras.

No decorrer de nossa "flânerie" iconográfica, encontramos fendas, por meio das quais é possível visualizar um outro Outro: não mais selvagem e "enquadrável" em tipos. A realidade transborda no jornal, deixando escorrer formas de representação bem distintas. Nessas brechas simbólicas, os negros se afirmam; dão-se a ver ao invés de serem vistos e se colocam na busca de um lugar para si.<sup>13</sup> Essas representações conseguem arranhar aquela extensa representação negativa e acabam por ressignificá-la, ao demonstrar que o Outro não é só o que há de ruim. Seguindo os passos de Benjamin (1987), é possível vê-lo como um escrínio de beleza.

Um primeiro tipo de brecha simbólica que aparece na narrativa fotográfica dos jornais impressos diz respeito a situações de expressão, protesto, manifestação e reivindicação. Nessas imagens, eles galgam uma posição de destaque, propondo significados, manifestando-se contra o que consideram injusto ou realizando atos no intuito de mudar algo que lhes é maléfico. Bons exemplos disso são as fotografias que mostram as manifestações contra políticos (ACM e FHC), os trabalhadores em greve (policiais militares ou funcionários da BH-Trans), os "perueiros" que exigem o direito de trabalhar ou

---

<sup>12</sup> Apresentados em reportagem de Flávio Lobo na revista Carta Capital de 06 de fevereiro de 2002.

<sup>13</sup> Sobre a distinção entre "ser visto" e "dar-se a ver", ver Cunha, 2000.

os flagelados da seca que bloqueiam uma rodovia. Em alguns casos, o "grito" de protesto atinge a eloqüência. É o caso da foto que mostra um rapaz negro — André Guimarães, 21 anos — "crucificado" [FIG.16]. A legenda explica que a encenação é uma manifestação para a reserva de 50% das vagas de escolas estaduais. As cenas de protesto também aparecem, ainda que raramente, na narrativa dos livros didáticos. É o caso de Zumbi, homem ereto, altivo e que é apresentado como símbolo da resistência negra à escravidão [FIG.17]. Também é o caso da foto que retrata uma reunião do movimento negro.

Outro tipo de brecha simbólica encontrada em nossas pesquisas ocorre em algumas imagens que se referem à questão da cultura. Rituais, músicas e jogos sempre foram uma forma de construção e para solidificação de significados e identidades. Assim, nas fotografias de jornais também se vêem momentos em que a cultura é uma forma de valorização do negro, seja porque coloca o indivíduo em evidência, porque resgata tradições africanas ou porque serve de veículo para um protesto contra a ordem social. Esses são os casos de alguns cantores (dentre eles, MC's do rap), dançarinos, atores ou da mãe-de-santo [FIG.18 e FIG.19]. Nos livros didáticos, esse tipo de brecha dá-se, sobretudo, através de imagens sobre o candomblé e sobre a capoeira: algumas ilustrações buscam representar tais eventos culturais não apenas no que têm de exótico ou corpóreo, mas como elementos repletos de significação.

Há, ainda, uma forma de fenda de significação que aparece em lugares formais de discussão pública ou representação política. As imagens dos líderes mundiais Nelson Mandela, Kofi Annan [FIG.20], Colin Powell e do deputado Damião Feliciano [FIG.21] representam essa categoria na narrativa jornalística. Nos livros didáticos, essa representação mais formal de um negro na cena pública poderia ser vista na já citada imagem sobre o movimento negro.

Um quarto tipo de brecha simbólica a ser mencionado são as ações sociais. Nessas imagens, o negro é autor de projetos ou trabalhos que beneficiam a sociedade. Seja em atos pontuais ou em propostas mais amplas, a idéia que se tem é de um negro atuante. Bom exemplo disso é uma foto que mostra uma cooperativa de costura que dá cursos de capacitação profissional na favela da Rocinha [FIG.22]. A belíssima foto mostra uma sala na qual sete

mulheres, cinco delas negras, costumam. Sorrisos generalizados demonstram o bom astral do ambiente.

Finalmente, tem-se o lampejo de singularidade que cintila em imagens que não representam categorias, mas indivíduos. Essas imagens são o exemplo mais claro de que é praticamente impossível tentar engessar sujeitos em formas estanques de representação. Eles escorrem dos tipos que lhes são impostos. Ali, os sujeitos são simplesmente sujeitos. Através de olhares, feições, sorrisos, cores, legendas, essas fotografias têm a riqueza (e essa é uma riqueza incomensurável!) de apresentar pessoas. Uma brecha que adquire grande importância, quando se tem em mente a história do negro brasileiro, tantas vezes visto como peça ou coisa.

Na narrativa imagética dos jornais, caso exemplar desse tipo de representação ocorre em uma foto que mostra, em meio a milhares de armas de fogo prestes a serem esmagadas por um trator, uma menina negra, de trança no cabelo, vestidinho amarelo e sandália cor-de-rosa [FIG.23]. Trata-se de Dandara Bastos Medaniel, de quatro anos. A rosa branca que traz às mãos, mais do que expressar a paz representada pelo momento, ressalta a singeleza da pequena *Dandara*.

Essas fendas de significação observadas em algumas imagens de jornais e livros didáticos conduziram-nos à formulação de uma nova pesquisa na qual agora trabalhamos: *Um outro Outro no fotojornalismo: lampejos de cidadania*. Faz-se essencial pensar a possibilidade de dissonâncias simbólicas que possibilitem o arranhar da freqüente representação negativa e tipificadora. *Negro sofre. Porta de entrada de negro é pela cozinha. O negro joga bem demais! A crioula sabe ser boazuda. Fulano é preto, mas trabalha direitinho. Só preto dá conta do recado na roça. Ginga de negro é coisa de outro mundo. Preto é mais esperto pro crime. Ainda não é natural ouvir e ver isso?*

# Galeria



Linha de montagem da Moulinex, que fabrica aquecedores elétricos, cujas vendas dispararam

FIG.1:  
De Greg Salibian/Folha Imagem; 4C; 14,6 X 11,1 cm.  
Publicada na p. B1 de Folha de S. Paulo de 9 de junho de 2001.



INSTALAÇÃO

Podê ser feita em um hora ou durante todo o dia, dependendo do tipo de capa

FIG.2:  
De Roberto Rocha/RR; P & B; 11,6 X 8,9 cm.  
Publicada na p. 9 do Caderno Veículos de Estado de Minas de 09 de junho de 2001.



FIG.3:  
De Maria Tereza Correia; P & B; 9,6 X 10,5 cm.  
Publicada na p. 21 de Estado de Minas de 17 de junho de 2001.



Fig. 8 Nesta gravura de Debret (século XIX) é possível perceber as relações que se estabeleciam entre os senhores e seus escravos domésticos, situados numa posição de extrema inferioridade.

FIG.4:  
Imagem publicada em: CARMO, Sonia Irene & COELHO, Eliane. História: passado presente. Brasil Colônia. V.1. São Paulo: Editora Atual, 1997. p. 73.

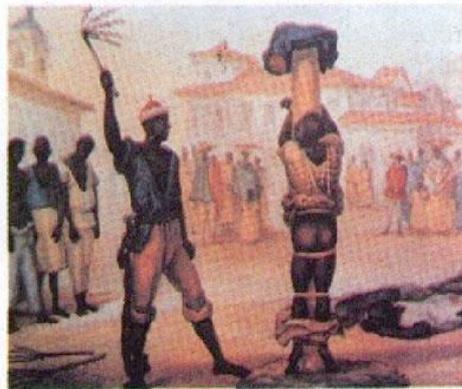


FIG.5:  
Imagem publicada em: MARQUES, Adhemar et alii. Brasil: História em Construção. V.1. Belo Horizonte: Editora LÊ, 1996. p. 91.



CORPOS NO CORREDOR: rebelião sufocada com força bruta

FIG.6:  
De Nellie Soltrenick; 4C; 8,7 X 9,0 cm. Publicada na p. 09 de O Globo de 17 de junho de 2001.



▲ Negro no pelourinho - Debret.

FIG.7:  
Imagem publicada em: RIBEIRO, Vanise & ANASTASIA, Carla. Brasil: encontros com a História. V.1. São Paulo: Editora do Brasil, 1996. p. 86.



O MENINO detido no morro, a pistola e as balas nas mãos de um PM

FIG.8:  
De Fernando Quevedo; P & B; 9,4 X 6,3 cm. Publicada na p. 23 de O Globo de 09 de junho de 2001



COMPENSA INVESTIR  
Corr. juros: 50% dos custos de bagaço podem ser obtidos de 15 e 18 kWh

FIG.9:  
De Mariana Dill; 4C; 8,5 X 6,0 cm. Publicada na p. 05 do caderno Agroparalelo do Estado de Minas de 25 de junho de 2001.

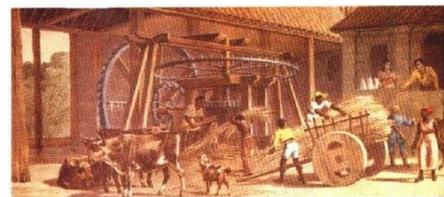


Fig. 3 Moagem de cana em engenho real, gravado pelo pintor Rugendas.

FIG.10:  
Imagem publicada em: CARMO, Sonia Irene & COELHO, Eliane. História: passado presente. Brasil Colônia. V.1. São Paulo: Editora Atual, 1997. p. 78.



▲ **Negras de tabuleiro - Debret.**

FIG. 11:  
Imagem publicada em: RIBEIRO, Vanise & ANASTASIA, Carla.  
Brasil: encontros com a História. V.1. São Paulo: Editora do Brasil, 1996. p. 89.



MARIA TEREZA COREIA

FIG. 12:  
De Maria Tereza Corêia; 4C; 7,9 X 5 cm. Publicada na capa de Estado de Minas de 17 de junho de 2001.



JORGE GONTIJO

FIG. 13:  
De Jorge Gontijo; 4C. Publicada na p. 34 do caderno de esportes de Estado de Minas de 11 de julho de 2001.



Divulgação

MCS HC: misturando o pancadão do funk carioca com o rock pesado  
FIG. 14:  
Divulgação; 4C; 9,4 X 9,4 cm. Publicada na p. 5 do Segundo Caderno de O Globo de 01 de junho de 2001.



ANNA OTTONI

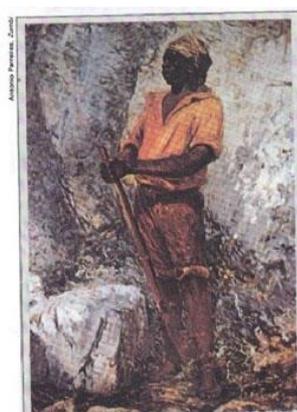
FIG. 15:  
De Ana Ottoni/Folha Imagem; 4C; 13,0 X 20,5 cm. Publicada na p. E2 de Folha de S. Paulo 25 de junho de 2001.



Ana Carolina Fernandes/Folha Imagem

**PROTESTO** André Guimarães, 21, preso a uma cruz durante manifestação de alunos de cursinhos em frente à UERJ, no Rio, para pedir reserva de 50% das vagas para estudantes de escolas estaduais

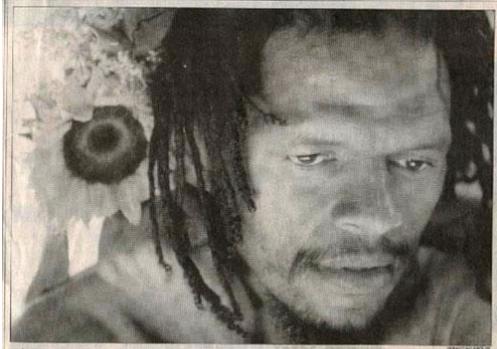
FIG. 16:  
De Ana Carolina Fernandes/ Folha Imagem; 4C 14,6 X 9,9 cm. Publicada na p. C6 de Folha de S. Paulo de 19 de julho de 2001



André Guimarães: Zumbi

Palmares foi o e uma bandeira, um estímulo à luta pela liberdade. Seu líder, Zumbi, tornou-se um símbolo da resistência negra à escravidão.

FIG. 17:  
Imagem publicada em: VICENTINO, Cláudio. História integrada: o mundo da idade moderna. São Paulo: Editora Scipione, 1995.p. 128



**ACÚSTICO**  
Novo trabalho de Babiak. Bah procura refletir sobre a condição humana nas grandes cidades.

**FIG. 18:**  
Sebastião Miguel; P & B; 19,2 X 13,5 cm. Publicada na p. 05 do EM Cultura de Estado de Minas de 01 de Junho de 2001.



**FIG. 19:**  
CD com diâmetro de 9,1 cm, 4C. Publicada na p. E1 de Folha de S. Paulo de 25 de Junho de 2001. Fotos: Canto superior esquerdo: Ricardo Lima / Folha Imagem - Superior direito: Cleo Velleda/Folha Imagem - Inferior esquerdo: Ana Carolina Fernandes/Folha Imagem - Inferior direito: Cleo Velleda/Folha Imagem.



**ACERTANDO O PASSO**  
Kofi Annan e Tasser Arafat concordaram que a trégua é importante.

**FIG. 20:**  
De AFP; 4C; 9,1 X 13,4 cm. Publicada na p. 11 de Estado de Minas de 17 de junho de 2001.



Beto Barata - 12 Jun. 2001/Folha Imagem

**O deputado Damião Feliciano, do PMDB, em seu gabinete**

**FIG. 21:**  
De Beto Barata (12 de jun. de 2001)/ Folha Imagem, P & B; 9,5 X 6,1 cm. Publicada na p. A4 de Folha de S. Paulo de 17 de junho de 2001.



Fotos de Gustavo Stephan

● LISIANE com uma almofada de patchwork, marca registrada da Coopa Roca

**FIG. 22:**  
De Gustavo Stephan; 4C; 11,7 X 7,5 cm. Publicada na p. 11 do Magazine de O Globo de 03 de julho de 2001.



*Tratores esmigalharam 100 mil armas, ontem, no Aterro do Flamengo, no Rio. Além de autoridades civis e militares, a solenidade reuniu representantes de entidades de defesa dos direitos humanos e contra a violência. Ao fim da destruição, Dandara Bastos Medoniel, 4 anos, simbolizou o apelo pela paz segurando uma rosa na mão direita.*

PÁGINA 5

**FIG. 23:**  
De Wilton Júnior/AE; 4C; 11,8 X 9,6 cm. Publicada na capa de Estado de Minas de 25 de junho de 2001.

## Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. Haxixe em Marselha. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 248-255. (Obras Escolhidas, v. 2.)

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Guia de Livros didáticos - 5ª a 8ª séries**. Brasília, PNLD, 1999.

CHAUÍ, Marilena. O que comemorar? **Projeto História: Sentidos da Comemoração**, São Paulo, n. 20, abr., p.35-57, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 2.ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1981. p. 3-13.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 1988.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Olhar escravo, ser olhado. In: AGUIAR, Nelson (Org.). **Mostra do Redescobrimento: negro de corpo e alma**. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000. p. 134-137.

DEBRAY, Régis. **Curso de midiologia geral**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FEATHERSTONE, Mike. A estetização da vida cotidiana. In: \_\_\_\_\_. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda., 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOBO, Flávio. Mais desigualdade. **Carta Capital**. São Paulo, n. 175, fev., p. 24-29, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e REIS, Letícia V. de Sousa (Orgs.). **Negras Imagens**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 179-193.

PEREIRA, Edmilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ardis da Imagem**. Belo Horizonte: Mazza Edições & Editora PUCMINAS, 2001.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: USP, Curso de pós-graduação em Sociologia, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e REIS, Letícia V. de Sousa (Orgs.). **Negras Imagens**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 11-29.

VAZ, Paulo B. F., MENDONÇA, Ricardo F., TAVARES, Frederico M. B., COUTINHO, Pedro C. **A representação visual do outro na mídia impressa**. Relatório Final de Pesquisa. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 2001.

VAZ, Paulo B. Ferreira, MENDONÇA, Ricardo F., ALMEIDA, Sílvia Capanema P. de. Iconografia no livro didático: quem é quem nessa história. In: FRANÇA, Vera R. V. (Org). **Imagens do Brasil**: modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 47-86.